

# GÊNERO E VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DAS VOZES DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA EM SÃO LUIZ GONZAGA E REGIÃO

*GENDER AND VIOLENCE: AN ANALYSIS OF THE ASSAULTED WOMEN'S VOICES IN SAO LUIZ GONZAGA AND SURROUNDING REGION*

Larissa Siqueira de Oliveira<sup>I</sup> 

Sonia Regina Bressan Vieira<sup>II</sup> 

<sup>I</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. Acadêmica do Curso de Direito. E-mail: lari.siqueira.oliveira@gmail.com

<sup>II</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. Doutora em História. E-mail: soniabressanvieira@gmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise das vozes de mulheres em situação de violência no Município de São Luiz Gonzaga e entorno. O objetivo do estudo é explanar os resultados da investigação que foi procedida através do Projeto de Pesquisa - Gênero e violência: direitos humanos também para as mulheres, desenvolvido em consonância com os padrões éticos, conforme resolução CNS 466/12. A metodologia envolveu uma pesquisa de campo quanto aos meios, pesquisa qualitativa quanto à abordagem, descritiva e aplicada em relação aos fins. Os instrumentos e procedimentos de pesquisa compreenderam uma entrevista com 19 mulheres em situação de violência doméstica, do município e da região. Após, procedeu-se a análise, interpretação e sistematização dos dados, evidenciando-se como resultados: a) o perfil da mulher agredida; b) a relação com o agressor; c) em relação a denúncia; d) histórico de violência na família; e) as consequências após a violência; f) conhecimento sobre a Lei Maria da Penha e g) o contato com agressor. Como conclusão, verificou-se o perfil da mulher agredida, bem como do agressor, contribuindo, desta forma, para a construção do processo histórico da identidade feminina do município e entorno. Espera-se que este estudo, agregue ainda a presença da academia na escrita sobre violência de gênero, colaborando com a Rede de Proteção à Mulher, visando a diminuição da violência doméstica e, assim, fortalecendo a corrente contra a violência contra a mulher, na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Gênero. Mulher. Violência. Identidade.

**Abstract:** This article presents an analysis of the women's voices in situations of violence in São Luiz Gonzaga and surrounding region. It aims to explain the data from a research carried out by the Project Gender and Violence: Human Rights also for Women, realized according the ethical standards established by the CNS 466/12 resolution. The methodology mean involved a field research, a qualitative and quantitative research approach, and a descriptive and applied goal. The research instruments and procedures included a 19 women interview exposed to domestic violence situations. Then, the collected data was analyzed, interpreted and systematized, showing the following results: a) the assaulted woman profile; b) their relationship with the aggressor; c) the complaint relation; d) the family's history



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v17i32.388>

Aprovado pela Resolução 2433/  
CUN/2018 do Prêmio Destaque  
Edição 2020.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

of violence; e) the consequences after the violence; f) the knowledge about the Maria da Penha Law and g) the contact with the aggressor. The research conclusion showed the profile of the assaulted woman, as well as the one of the aggressor, contributing, in that way, to identify the municipality and surrounding region female identity historical process of construction. Therefore, the study aimed to build in the academy presence in the writings about gender violence, contributing with the Women's Protection Network, and in that way, aiming to reduce the domestic violence and strengthen the net against female violence in the Brazilian society.

**Keywords:** Gender. Woman. Violence. Identity.

## Introdução

Este estudo apresenta questões relativas ao gênero feminino e a violência doméstica praticada contra a mulher, especialmente em São Luiz Gonzaga e no seu entorno. Sabe-se que o cotidiano brasileiro é caracterizado pela violência, a qual, segundo Souza, é conceituada como forma intencionada de agressão, podendo ser física ou verbal, que prejudica direta ou indiretamente as pessoas acometidas. Ou seja, é o uso da força que resulta em ferimentos, sofrimentos e até mesmo a morte, sendo que, na maioria das vezes são mulheres, as vítimas de tal conduta (*et al.*, 2013).

As alterações na teorização da questão feminina passam, pela análise do conceito de gênero que, a partir de 1970 impôs revisão e novos parâmetros para o campo historiográfico da mulher, o que se contata ao analisar as teorias feministas - liberal - radical - psicanalítica - marxista, pós-estruturalista e terceiro - mundista (pós) colonialista, elencadas por Martha B. Calás e Linda Srmircich (1998, p. 276).

Para Joan Scott, a palavra gênero se refere “a necessidade da organização das relações entre os sexos, defendendo a igualdade entre homens e mulheres pela busca de direitos observando as diferenças biológicas de cada sexo” (SCOTT, 1990). O conceito de Gênero ao longo de anos foi associado aos aspectos frágeis da feminilidade principalmente pelas diferenças biológicas entre os sexos feminino e masculino, na forma física/natural e, também, na forma social/cultural.

Por outro lado, para Butler “o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (2003).

Ao enfocarmos a questão da violência contra a mulher, Heilborn afirma que a violência se origina no modo como se armam as relações entre homens e mulheres no âmbito doméstico e familiar: maridos, ex-companheiros, pais, padrastos e namorados. (1990). Desta forma, para a autora, a violência em sentido amplo é a demonstração do poder de umas pessoas sob as outras, podendo ser conceituada de maneira complexa, pois são tantas as formas de praticá-la que a sociedade, de modo geral, sente-se vítima, pois é um ato próprio dos seres humanos. Os resultados são vistos por meio de ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas, dentre outros sofrimentos. Seguindo nesse mesmo entendimento, Jayme Paviani afirma que:

A violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros. O termo violência, tem origem no latim, *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética (PAVIANI, 2016).

Assim sendo, atualmente, os brasileiros, vivem diante de uma sociedade que apresenta reflexos de uma cultura ancorada num sistema patriarcal e num modelo autoritário, de dominação. Bourdieu afirma que “a dominação masculina sobre as mulheres impõe-lhes uma submissão paradoxal, que se dá através da violência exercida pelas vias da comunicação e do conhecimento” (*apud*. BANDEIRA, 2011).

Nesse aspecto, a violência é compreendida como um fato social natural, muitas vezes praticado dentro da própria casa da vítima, o que é conhecido como violência doméstica, que configura um problema público grave. Caracterizada pelos números de mortes que proporciona e, no mesmo tempo, que está incorporada ao cotidiano das pessoas, como uma realidade de difícil solução (RODRIGUES; MENDES, 2013).

## Metodologia

Desenvolveu-se a presente investigação através de pesquisa de campo quanto aos meios, pesquisa quali-quantitativa quanto à abordagem, descritiva e aplicada em relação aos fins. Os instrumentos e procedimentos de pesquisa compreenderam entrevistas com a aplicação de um questionário semiestruturado com questões sobre: a) o perfil da mulher agredida; b) o perfil do agressor; c) a relação com o agressor; d) em relação a denúncia; e) histórico de violência na família; f) as consequências após a violência; g) o conhecimento sobre a Lei Maria da Penha e h) o contato com agressor. Utilizou-se como sujeito de pesquisa 19 mulheres em situação de violência.

Concluiu-se o trabalho a partir dos dados relativos ao perfil da mulher e do agressor, bem como as consequências da violência sofrida e aplicabilidade da Lei Maria da Penha. E, com este artigo pretende-se ampliar a presença da academia na escrita da identidade feminina, contribuindo, também, na redução da violência contra o gênero, fortalecendo a Rede de Proteção à Mulher na sociedade brasileira.

Ressalta-se ainda que, se considerarmos a violência contra a mulher ao longo da história, necessariamente somos conduzidos à história social e cultural e à revolução causada por Michel Foucault num contexto pós-estrutural e pós-moderno. Estamos vivenciando o início do século XXI e não podemos deixar de realçar a importância do século XX para as mulheres, e as marcantes lutas de organizações governamentais ou não contra essa violência, sem contudo ter afastado trágicos episódios que se agravam a cada instante.

## Resultados e discussões

Visando contribuir para uma maior visibilidade da temática -Violência de Gênero - em São Luiz Gonzaga e entorno, neste tópico serão apresentados os dados coletados a partir da voz das mulheres violentadas, demonstrando a gravidade da situação na região missioneira e dessa forma contribuindo para a construção histórica da identidade feminina de nossa sociedade.

### *Coleta e análise dos dados a partir da voz das mulheres agredidas*

Os dados apresentados nesse tópico são oriundos da pesquisa de campo com 19 entrevistas individuais, com perguntas abertas e fechadas, tratando de questões referentes a mulheres em situação de violência.

Para as entrevistas foram estabelecidos critérios como: mulheres em situação de violência, residentes em São Luiz Gonzaga e entorno, com processos Maria da Penha em andamento no Fórum local ou não. A busca constou de uma análise consubstanciada dos mesmos, de acordo com os itens, subitens e classificações respectivas a seguir demonstrados e relatados.

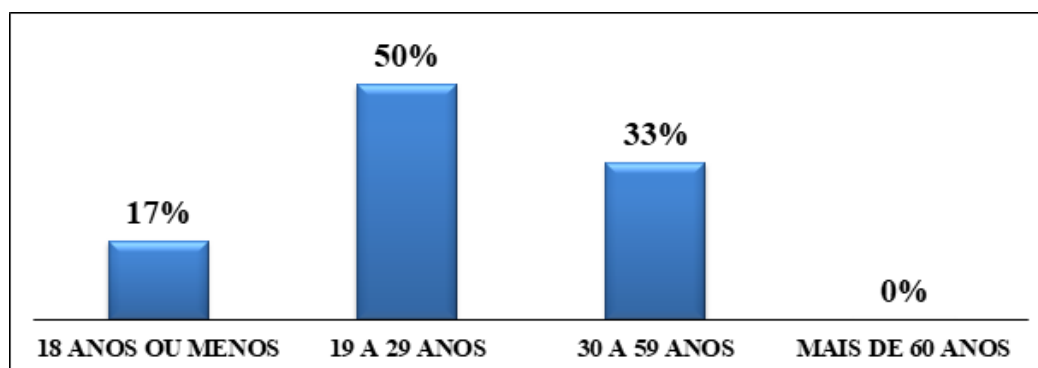
O instrumento envolveu abordagens de questionamento, incluindo: a) perfil da mulher agredida; b) perfil do agressor; c) relação com o agressor; d) em relação à denúncia; e) histórico de violência na família; f) as consequências após a violência; g) o conhecimento sobre a Lei Maria da Penha; e h) o contato com agressor.

Os resultados dos dados coletados com a análise correspondente constam no que segue:

1- *Perfil da mulher agredida* (faixa etária, estado civil, etnia declarada, grupo de atividades do qual faz parte tais como: atividades manuais, de nível médio, de nível universitário, de estudantes, ou do lar);

1.1- No tocante à faixa etária das mulheres participantes da pesquisa, utilizou-se um instrumento composto de 4 faixas etárias: 18 anos ou menos, 19 a 29 anos, 30 a 59 anos e mais de 60 anos.

**Gráfico 1-** A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: faixa etária.

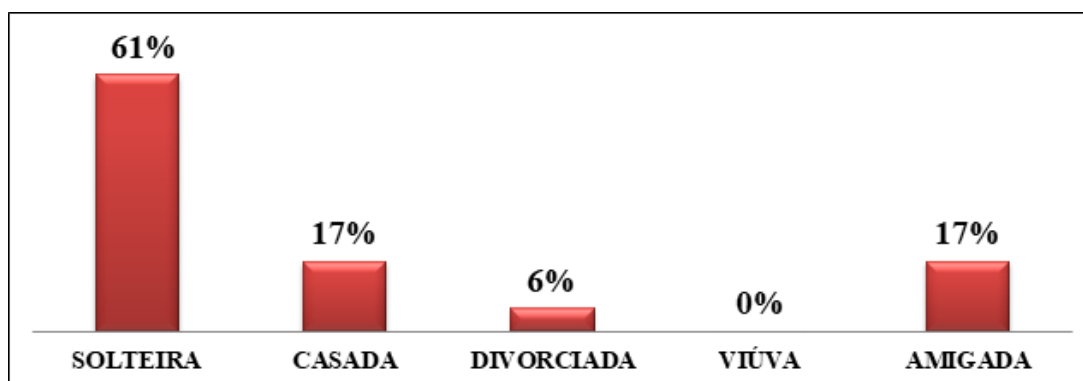


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Após o levantamento e análise dos dados, constatou-se que 50% das vítimas, possuem idade entre 19 a 29 anos, 33% afirmaram ter idade entre 30 e 59 anos, apenas 17% possuem 18 anos ou menos e, nenhuma afirmou ter mais de 60 anos.

1.2- Quanto ao estado civil, foram utilizados 5 tipos de situação civil: solteiras, amigadas com seus companheiros, casadas, divorciada e viúva.

Gráfico 2- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: estado civil.

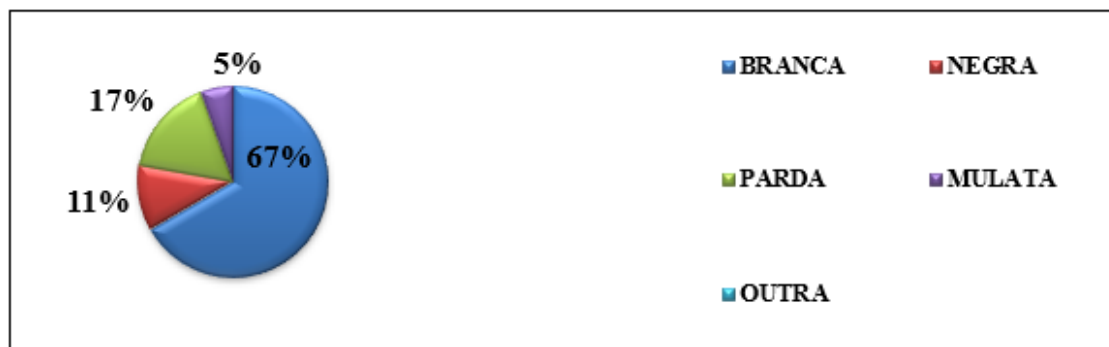


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Constatou-se que das 61% das mulheres entrevistadas são solteiras, sendo 18% amigadas com seus companheiros, 17% são casadas, apenas 6% estão divorciadas e nenhuma viúva.

1.3- Em relação a etnia declarada foram consideradas 4 divisões: branca, negra, parda, mulata e outra.

Gráfico 3- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: etnia.

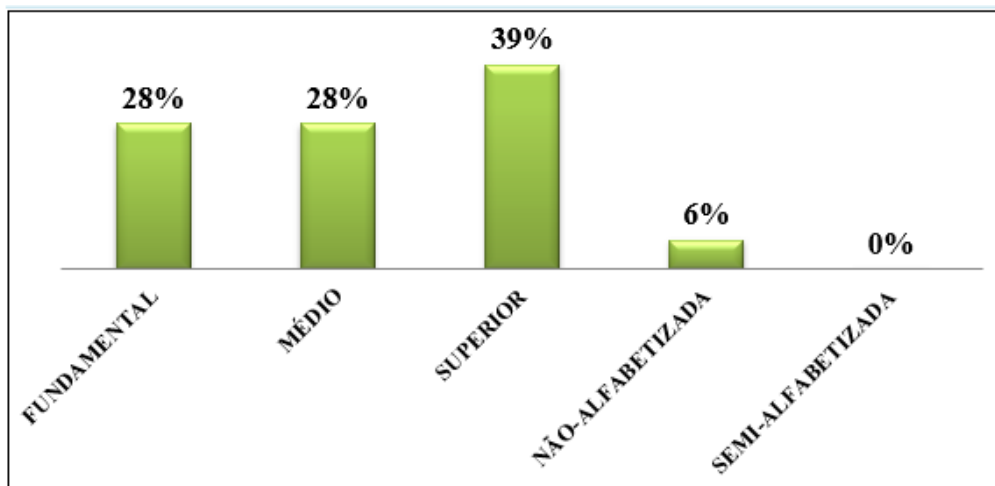


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Em relação à etnia, constatou-se que 67% das vítimas são mulheres que se autodeclaram brancas, 17% são pardas, 11% negras e apenas 5% são mulatas.

1.4- Em relação a escolaridade foram consideradas 5 categorias: ensino fundamental, ensino superior, ensino médio, semialfabetizada e não-alfabetizada.

Gráfico 4- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: escolaridade.

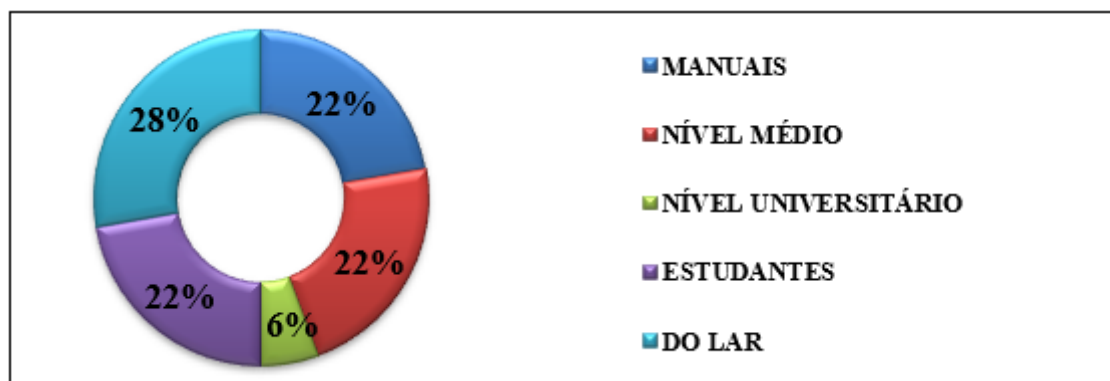


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Os dados relativos à escolaridade constataam que, na maioria, 39% das vítimas são mulheres que possuem ensino superior, 28% ensino fundamental, 28% ensino médio e 6% são pessoas não-alfabetizadas.

1.5- Em relação ao grupo de atividades foram 5 categorias: atividades manuais, de nível médio, universitário, estudantes e do lar.

Gráfico 5- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: grupo de atividades



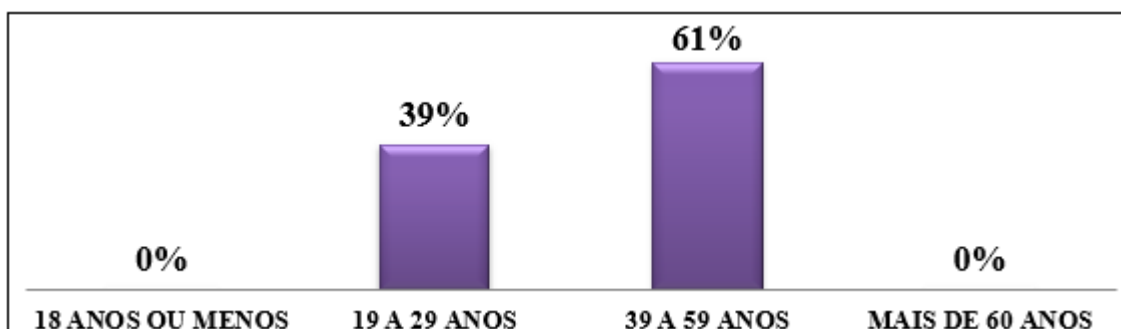
Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Conforme a coleta de dados constatou-se que 28% das vítimas realizam atividades do lar, 22% são estudantes, 22% realizam atividades de nível médio, 22% atividades manuais, sendo que apenas 6% realizam atividades de nível universitário.

2- Perfil do agressor (faixa etária, etnia declarada, escolaridade, grupo de atividade a qual faz parte: atividades de nível médio, atividades de nível universitário, estudantes);

2.1- No tocante à faixa etária dos agressores, utilizou-se um instrumento composto de 4 faixas etárias: 18 anos ou menos, 19 a 29 anos, 30 a 59 anos e mais de 60 anos.

Gráfico 6- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: faixa etária

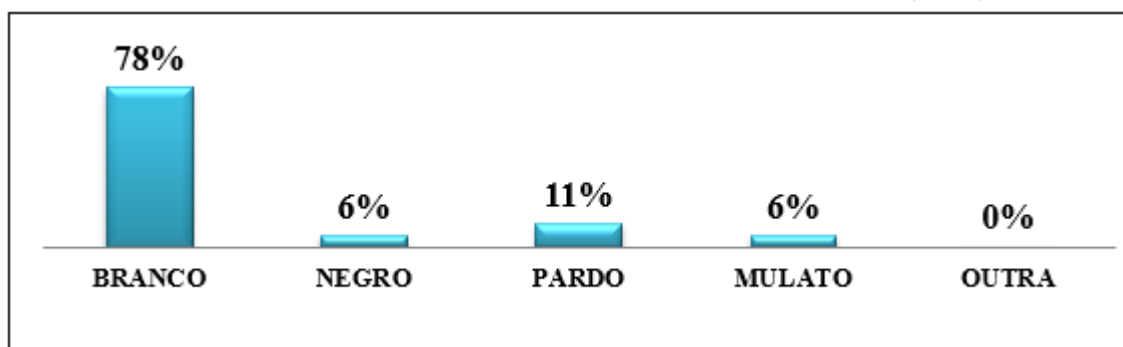


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Após o levantamento e análise dos dados, constatou-se que 61% dos agressores possuem idade entre 30 e 59 anos e 39% possuem de 19 a 29 anos de idade.

2.2- Em relação a etnia declarada foram consideradas 4 divisões: branco, negro, pardo, mulato e outra.

Gráfico 7- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: etnia

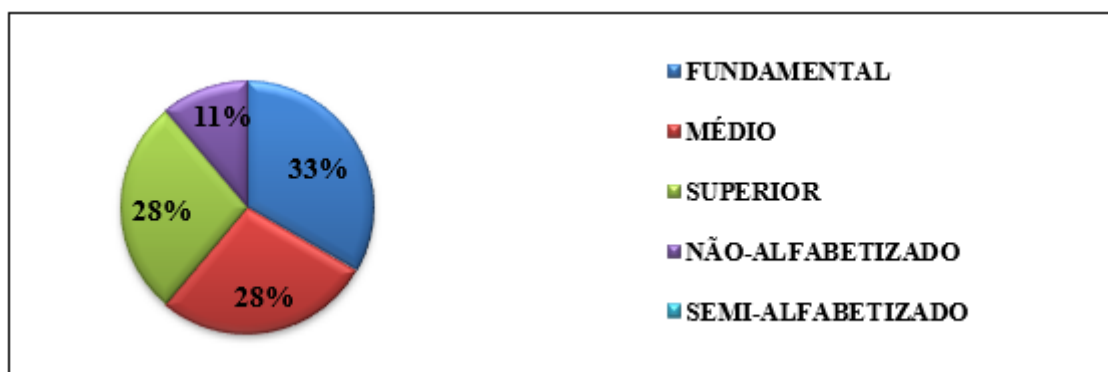


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Em relação à etnia, constatou-se que 78% dos agressores são homens brancos, 11% pardos, 6% negros e 6% mulatos.

2.3- Em relação a escolaridade foram consideradas 5 divisões: ensino fundamental, ensino médio, ensino superior, não-alfabetizado, semialfabetizado.

Gráfico 8- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: escolaridade.

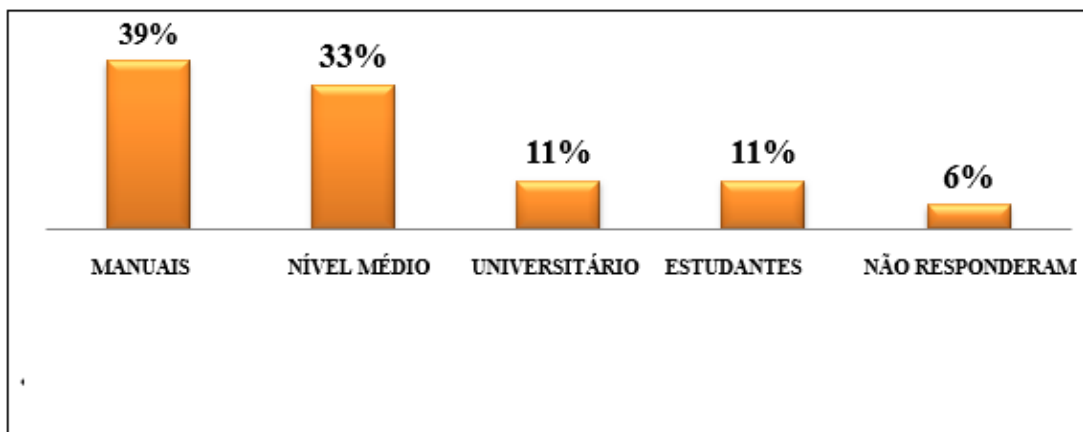


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Os dados relativos à escolaridade constataam que 33% dos agressores possuem ensino fundamental, 28% ensino médio, 28% ensino superior e 11% são pessoas não-alfabetizadas.

2.4- Em relação ao grupo de atividades foram consideradas 5 divisões: manuais, de nível médio, nível universitário, estudantes e as que não responderam.

Gráfico 9- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: grupo de atividades.



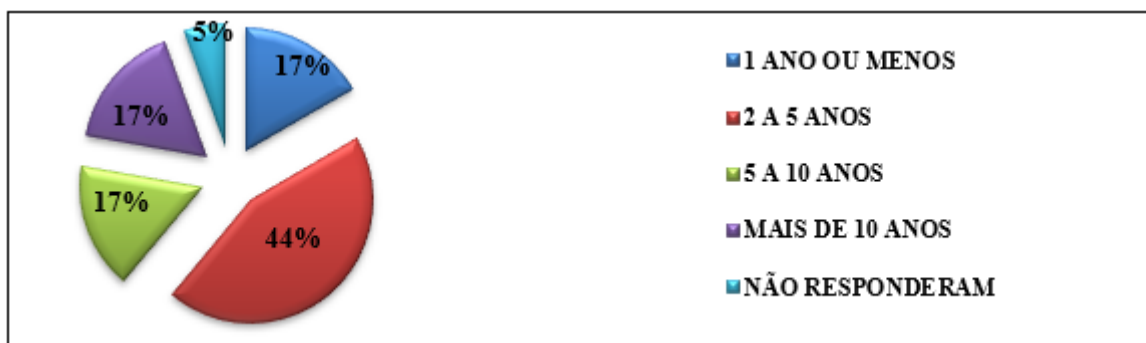
Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Conforme a coleta de dados constatou-se que 39% dos agressores realizam atividades manuais, 33% realizam atividades de nível médio, 11% realizam atividades de nível universitário, 11% são estudantes e 6% não responderam.

3-Relação com o agressor - (tempo de relacionamento, número de filhos);

3.1- Em relação ao tempo de relacionamento utilizou-se 5 categorias: 1 ano ou menos, 2 a 5 anos, 5 a 10 anos, mais de 10 anos e não responderam.

Gráfico 10- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: tempo de relacionamento.



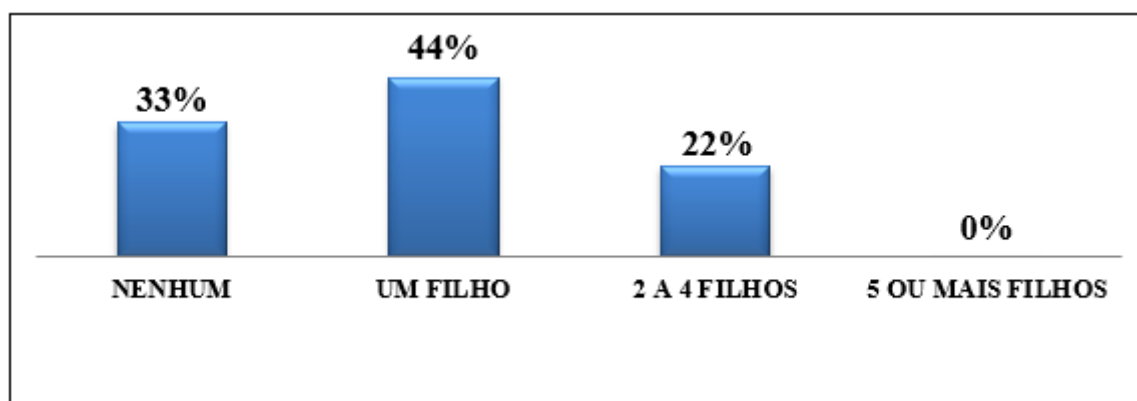
Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Conforme a coleta de dados constatou-se que 44% das vítimas conviveram com os agressores pelo tempo de 2 a 5 anos, 17% responderam de 5 a 10 anos, 17% por mais de 10 anos, 17% responderam conviver apenas 1 ano ou menos e 5% não responderam.

3.2- Em relação aos filhos utilizou-se 5 divisões:nenhum,1 filho,2 a 4 filhos e 5 ou mais.



Gráfico 10- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: filhos.



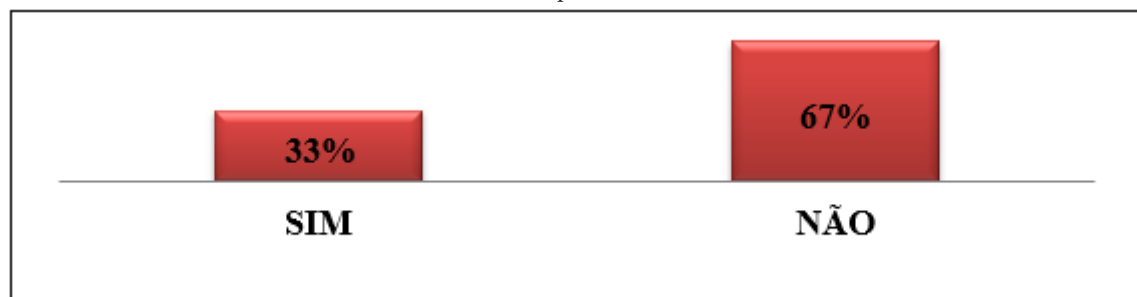
Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Após a análise, verificou-se que 44% das vítimas possuem 1 filho com o agressor, 22% possuem de dois a 4 filhos com o agressor, e 33% informaram não ter filhos.

4- *Em relação à denúncia* - (utilização do disque 180, tipo de violência, solicitação de medidas protetivas, obtenção de alguma assistência, após a ocorrência voltou a viver com o companheiro, sequência da queixa, desistência da queixa, conhecimento de alguma história de violência na família, consequências após a violência, conhecimento da Lei Maria da Penha? Acredita que foi positiva na diminuição a violência contra a mulher?).

4.1- Em relação a utilização do disque 180: sim ou não.

Gráfico 11- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: utilização do disque 180?



Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Constatou-se que 67% das mulheres entrevistadas não utilizaram o disque 180, sendo que apenas 33% utilizaram.

4.2- Em relação ao tipo de violência. Utilizou-se 3 divisões: física, psicológica e física e psicológica.

**Gráfico 12-** A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: utilização do disque 180.

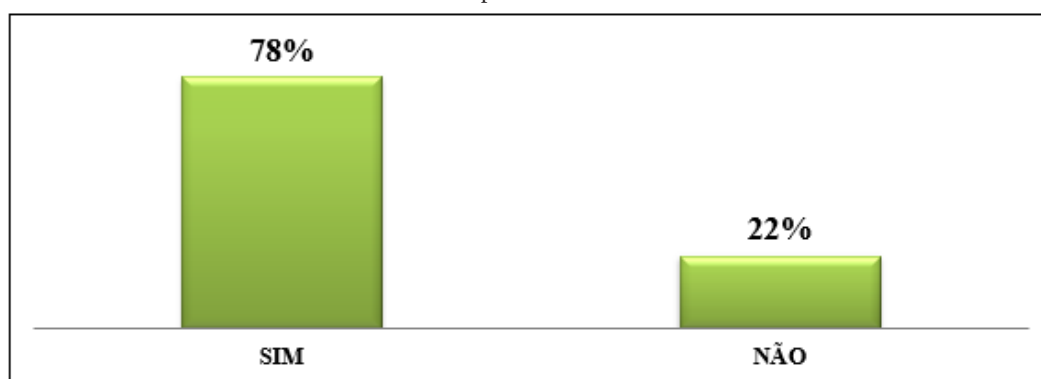


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Dos sujeitos entrevistados, 44% informaram que sofreram violência física e psicológica; 31% informaram que sofreram somente violência física e 25% informaram que sofreram somente violência psicológica.

#### 4.3- No tocante ao fato - solicitou medidas protetivas: sim ou não.

**Gráfico 13-** A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: solicitou medidas protetivas?

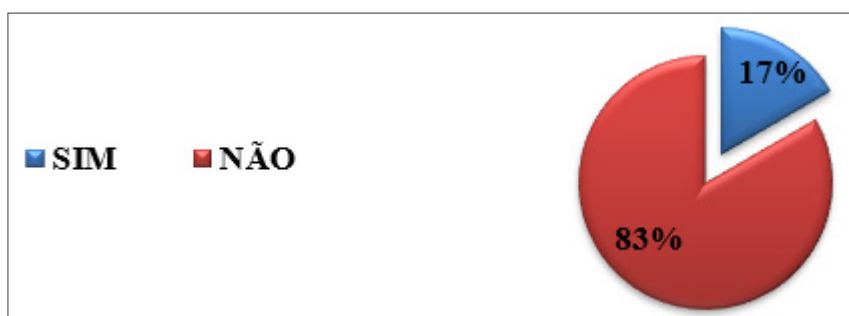


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Em relação às medidas protetivas, 78% das vítimas solicitaram medidas protetivas e, 22% afirmaram que não solicitaram as medidas de proteção.

#### 4.4- Em relação a se obteve assistência: sim ou não.

**Gráfico 14-** A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: obteve assistência?

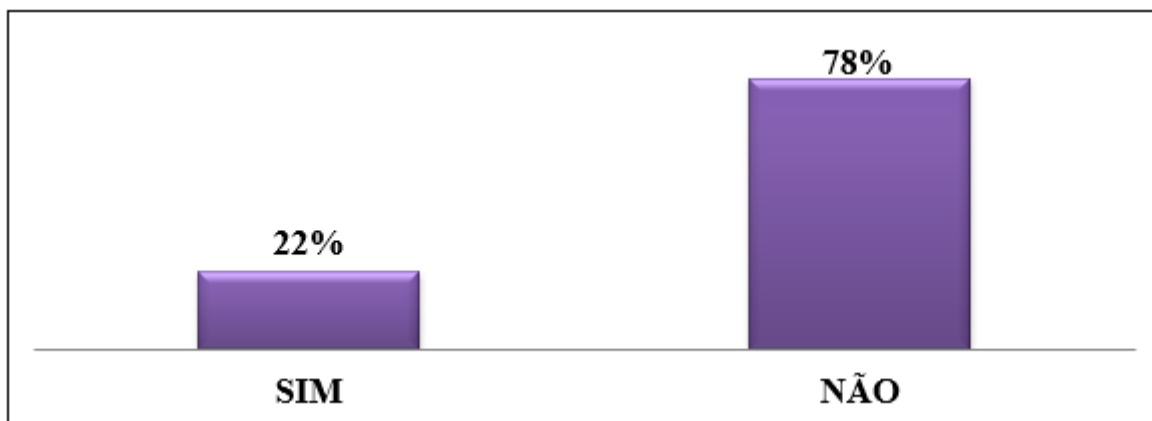


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Em relação à assistência, 83% disseram que não receberam nenhum tipo de assistência, apenas 17% disseram que receberam assistência da delegacia e da polícia quando realizaram o registro de ocorrência.

#### 4.5- Em relação a questão - voltou a viver com o companheiro: sim ou não.

Gráfico 15- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: voltou a viver com o companheiro?

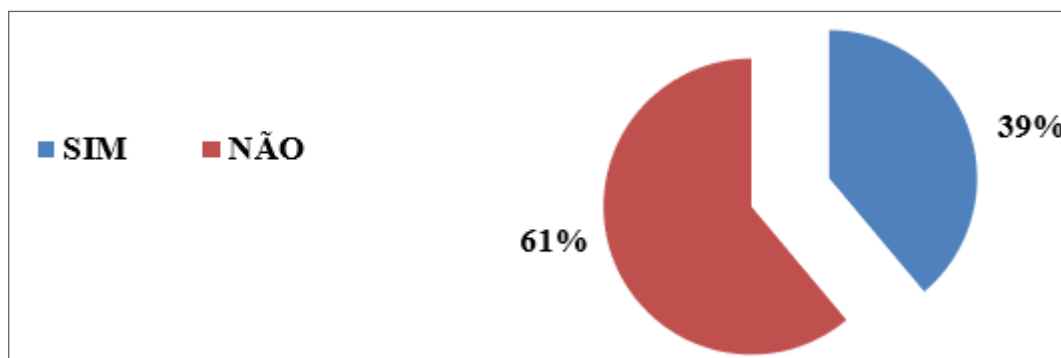


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres. Nesse aspecto, constatou-se que 78% das mulheres entrevistadas afirmaram que não voltaram a conviver com os agressores, sendo que 22% informaram que voltaram a conviver.

#### 4.6- Em relação a se a queixa teve sequência: sim ou não.

Gráfico 16- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: a queixa teve sequência?

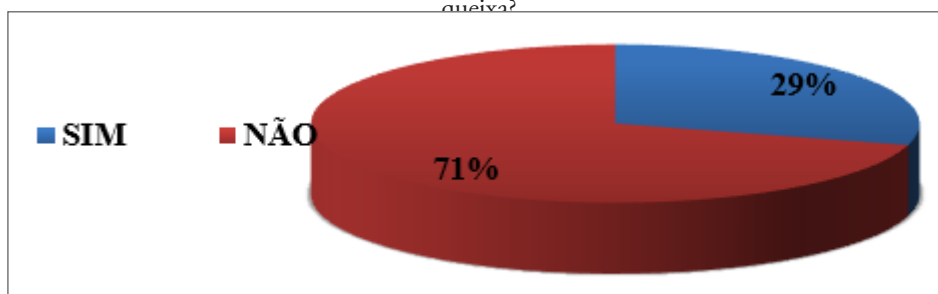


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Em relação à queixa, 61% informaram que não retornaram a fazer queixas, porém 39% informaram que tiveram que retornar a fazer queixas, desde 01 até 21 ocorrências contra o agressor.

#### 4.7- Quanto a se houve desistência da queixa: sim ou não.

Gráfico 17- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: desistência da queixa?

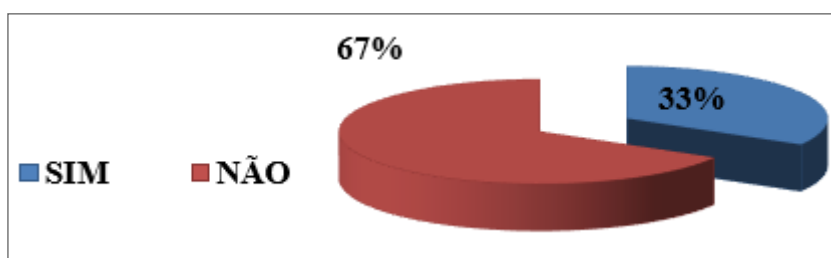


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Em relação à desistência da queixa, 71% dos sujeitos entrevistados informaram que não desistiram da queixa e 29% informaram que desistiram da queixa por motivos de ameaça, ameaça aos filhos e, também, pra evitar incômodos.

4.8- Em relação ao histórico de violência na família: sim ou não.

Gráfico 18- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: violência na família.

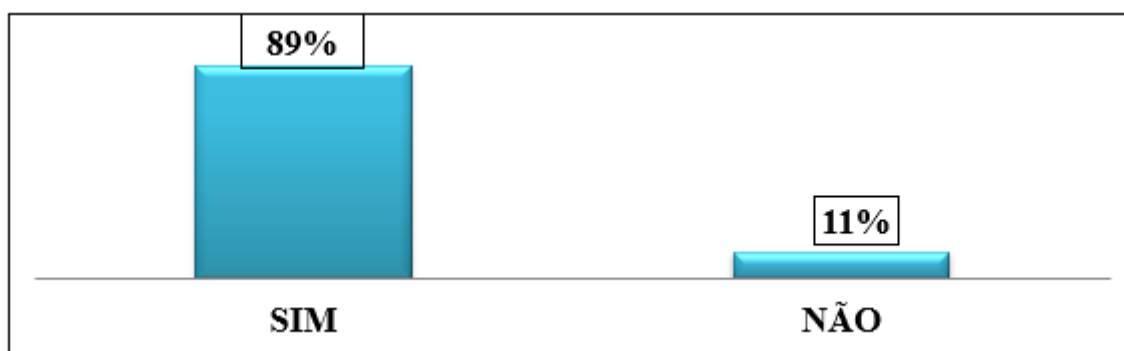


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Dos sujeitos entrevistados, 67% informaram que não conheciam históricos de violência na família e, 33% informaram que possuem conhecimento de violência contra mãe, irmãs, tias avós, pelo uso de drogas e bebidas alcoólicas e, também pelo fato do agressor proibir a companheira de trabalhar externamente.

4.9- Quanto a se houve consequências após a violência: sim ou não.

Gráfico 19- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: consequências após a violência.



Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Em relação às consequências após a violência, 11% afirmaram que não tiveram consequências, mas 89% afirmaram que tiveram consequências como, medo de morrer, de andar sozinha, sentiram raiva, nojo do agressor, tristeza e depressão, vergonha das pessoas, sentiram que os filhos ficaram traumatizados e até mesmo, houve a afirmação de interrupção da faculdade e do estágio por causa da violência sofrida.

#### 4.10- Quanto a se possuía conhecimento da Lei Maria da Penha: sim ou não.

Gráfico 20- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: se possuía conhecimento da lei Maria da Penha?



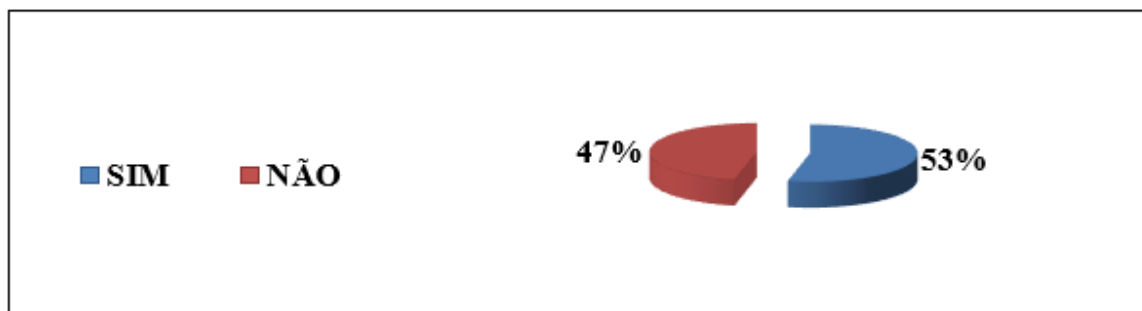
Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

A maioria, no total de 94% dos sujeitos entrevistados afirmaram que tinham conhecimento da Lei Maria da Penha, porém acreditam que não tão eficaz e não traz retornos à vítima de violência e, 6% dos sujeitos entrevistados informaram que não possuíam conhecimento da Lei Maria da Penha.

5- *Em relação à pós-separação* - (como o agressor está procedendo em relação a você (possui contato?); se possui filhos, como é a relação familiar com o agressor? O agressor realiza o pagamento de pensão alimentícia? O agressor convive regularmente com os filhos?)

#### 5.1- Quanto a se possui contato com o agressor: sim ou não.

Gráfico 21- A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: contato com o agressor?

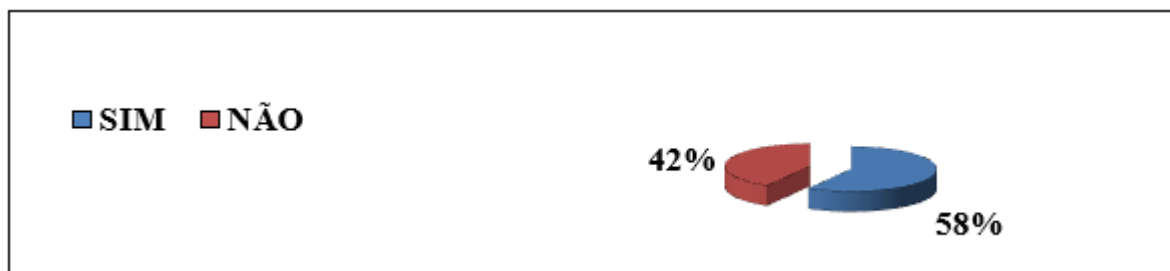


Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Nesse aspecto, 47% dos sujeitos entrevistados informaram que não possuem mais contato com o agressor, 53% informaram que possuem contato com o agressor, sendo os relatos de relações amigáveis para acordos de partilha de bens e visitas aos filhos, outros relatos são que o agressor ainda continua fazendo ameaças contra a vítima.

## 5.2- Se o agressor convive com os filhos: sim ou não.

**Gráfico 22-** A vez e a voz das mulheres em situação de violência em São Luiz Gonzaga e região: o agressor convive com os filhos.



Fonte: Formulário de Pesquisa Gênero e Violência: Direitos Humanos também para as Mulheres.

Em relação aos filhos, dos sujeitos entrevistados, 42% informaram que o agressor não procura os filhos e 58% informaram que o agressor possui contato com os filhos, porém há relatos de ausência ou atraso no pagamento de pensão alimentícia.

5.3- Em relação a pergunta - possui atual companheiro, como o agressor está procedendo com o novo relacionamento?

Dos sujeitos entrevistados, os que confirmaram novo relacionamento, há relatos que no início o agressor causava transtornos com ameaças, mas que ao passar do tempo foi aceitando o novo relacionamento, porém há outros relatos que o agressor não aceita o relacionamento e ainda realizando ameaças contra a vítima.

## Considerações finais

Através da análise dos dados pesquisados, verificou-se que o perfil da mulher agredida, em relação à faixa etária, revela que 53% possuem idade entre 19 a 29 anos; quanto ao estado civil 59% são solteiras; em relação a etnia 65% são brancas; e, quanto a escolaridade 35% possuem ensino superior sendo que no referente ao grupo de atividades 31% realizam atividades do lar.

Os questionamentos referentes a relação com o agressor, apontam que 37% das entrevistadas informaram que conviveram com o agressor pelo tempo de 2 a 5 anos, sendo que em relação aos filhos 44% informaram que tiveram pelo menos 1 filho com o agressor.

Em relação à denúncia constatou-se que 69% informaram que utilizaram o disque 180. a respeito da violência sofrida, 47% afirmaram sofrer violência física e psicológica.

No tocante as medidas protetivas 93% solicitaram, porém 79% afirmaram que não tiveram nenhum tipo de assistência. no referente ao relacionamento com o agressor 82% não voltaram a conviver com o agressor. quanto ao retorno das queixas 56% não retornaram a realizar queixas, por motivos de ameaças do próprio agressor. em relação a condenação do agressor 62% não desistiram da queixa.

Quanto ao quesito de histórico de violência na família 57% afirmaram que não tinham conhecimento de violência. em relação as consequências 87% das mulheres informaram que tiveram sérias consequências, como medo de perder a vida. quanto ao conhecimento da lei

maria da penha, 94% afirmaram que possuem conhecimento. já quanto ao contato com o agressor 53% disseram que possuem contato, e em relação aos filhos 64% informaram que o agressor possui contato com os filhos.

Como se constata, sem dúvidas a pesquisa nesta terceira etapa – na qual ouviu as próprias mulheres em situação de violência dando vez e voz às mesmas, marcou época e está deixando marcas indeléveis da presença da academia na escrita do processo histórico da identidade feminina missioneira. deixa traços concretos de luta pela diminuição da violência contra a mulher expressos em três documentos: 1º-“Perfil da Mulher em situação de violência em São Luiz Gonzaga e entorno”; 2º- “A violência contra a mulher em São Luiz Gonzaga e entorno sob o olhar das lideranças da Rede de Proteção à Mulher em SLG e região” e 3º- “A vez e a voz das mulheres em situação de violência”.

Assim, este artigo contribuiu com a Universidade - em especial a URI São Luiz Gonzaga, com sua função de ser importante colaboradora e responsável por promover debates e colocar em pauta os problemas enfrentados pela sociedade, para que o acadêmico deixe a instituição consciente desta problemática à luz de orientações e de referencial teórico que as embase, especialmente nesses tempos de Pandemia nos quais a Violência Doméstica aumentou.

## Referências

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. Estado**, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALÁS, M., B.; SMIRCICH, L. Do ponto de vista da mulher; abordagens feministas em estudos organizacionais. In: **Handbook de estudos organizacionais**. v.1. STERWART, R. C. *et al.* Org. da edição brasileira. São Paulo: Atlas, 1998.

FORMULÁRIO DE PESQUISA. Projeto de Pesquisa: gênero e violência: direitos humanos também para as mulheres. PIBIC/ CNPQ 1ª Edição de 1 de agosto de 2018 a 31 de julho de 2020.

HEIBORN, M. L. **Estudos de gênero no brasil**. Brasília: São Paulo, 1999.

LIMA, R. S. S. L. **A masculinidade na clínica**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=30741>. Acesso em: 10 jul. 2019.

PAVIANI, J. **Conceitos e formas de violência**. Regina Modena. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2016.

RODRIGUES, K. P.; MENDES, M. A. Violência doméstica: novo olhar sobre o problema. **III Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais**. Bahia. 2013.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOUZA, M. C. *et al.* A convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher (Convenção de Belém do Pará) e a Lei Maria da Penha. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIII, n. 77, jun 2010. Disponível em: [http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=7874](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7874). Acesso em: 21 jul. 2019.